

UM ESTUDO DO LÉXICO NO MUNICÍPIO DE TEFÉ-AM: ALGUNS REGISTROS

Elizabete de Souza Barbosa¹
Jeiviane Justiniano²

RESUMO: Este trabalho tem como finalidade realizar um levantamento do léxico amazonense no município de Tefé/Am, trabalhando os contextos rural e urbano. Os dados foram coletados através de Questionário Semântico-lexical (QSL), aplicado a oito informantes, quatro em cada localidade investigada, tendo como base os postulados da dialetologia pluridiimensional, por meio do controle das variáveis sexo, idade e escolaridade. Os resultados apresentam um repertório lexical cujo uso reflete nas práticas sociais e culturais do povo nativo tefeense. Destaca-se a importância desta pesquisa para o registro de falares em uma cidade de grande importância histórica e econômica para o estado do Amazonas.

Palavras-chave: Léxico; Dialetologia; Município de Tefé.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa consiste no levantamento semântico-lexical do município de Tefé, no estado do Amazonas, trabalhando os contextos ribeirinho e urbano dessa área. Teve a necessidade de estudar os falares dessa localidade na medida em que se reconheceu como, em vários lugares, a língua apresenta variantes e inúmeras formas alternadas para expressar determinado fenômeno linguístico.

Para isso, é indispensável a construção de um panorama das variações linguísticas brasileiras. As pesquisas dialetais, nesse contexto, se fazem necessárias, pois permitem conhecer, além da variedade linguística, as diversas características culturais de uma comunidade de fala, com evidência, assim, de sua identidade.

Partindo desses princípios, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um levantamento semântico-lexical de duas categorias de alimentos típicas do Amazonas: a mandioca e o peixe.

A fim de alcançar essa proposta, adotou-se a metodologia da dialetologia pluridimensional cuja finalidade é realizar estudos minuciosos de variações dialetais que se localizam em amplas áreas geográficas. A coleta de dados foi com a aplicação de Questionário Semântico-lexical (QSL), a partir de modelos usados pelo Atlas Linguístico do Brasil e pelo Atlas Linguístico do Amazonas. Na análise de dados,

¹ Acadêmica do oitavo período do curso de Letras da Escola Normal Superior/UEA.

² Professora mestre do curso de Letras da Escola Normal Superior/UEA.

considerou-se, além da variação diatópica, três variáveis sociais, a saber: idade, sexo e escolaridade. Foram colaboradores da pesquisa oito informantes, sendo um homem e uma mulher de duas faixas etárias, 18 a 35 e de 56 em diante, no total de quatro por localidade, moradores do centro urbano de Tefé e da comunidade ribeirinha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Para investigar a variação por escolaridade, optou-se pelo ensino fundamental e pelo ensino médio, para levantamento do léxico empregado na zona rural e urbana, respectivamente.

Pretende-se, com os dados organizados, destacar a relevância dessa pesquisa para a divulgação da diversidade linguística do Amazonas e para ampliação dos estudos linguísticos na região.

A organização do artigo obedece a seguinte ordem: no primeiro momento, apresentação da história do município de Tefé e dos postulados da dialetologia; no segundo momento, descrição metodológica da coleta de dados; e, no último, a análise quantitativa da variação semântico-lexical investigada.

1. HISTÓRIA E GEOGRAFIA DA REGIÃO E DO MUNICÍPIO DE TEFÉ

Tefé faz parte da mesorregião do centro Amazonense, fazendo divisa com Alvarães e Uarini. Localiza-se a 523 quilômetros de Manaus, capital do estado. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) possui uma população de aproximadamente 62.230 (sessenta e dois mil, duzentos e trinta) habitantes e ocupa uma área de 23. 808 (Vinte e três mil, oitocentos e oito) quilômetros quadrados.



Antes do processo de colonização portuguesa, a área que hoje pertence ao atual município de Tefé era ocupada por índios Tupebas ou Tapibas, fato que colaborou para a criação do nome da cidade. A presença da Companhia de Jesus, juntamente com a participação do Padre Samuel Fritz, impulsionou a fundação das primeiras aldeias às margens do Solimões, entre elas Santa Tereza de Tefé. Após a destruição desta aldeia, decorrente da disputa entre portugueses e espanhóis, o Frei André da Costa liderou uma expedição para reconstrução da localidade, que seria reconhecida no ano de 1955 como Vila de Ega.

Devido ao seu posicionamento estratégico, a vila de Ega tornou-se o principal polo econômico da região, com a presença da agricultura, pecuária e comércio. Além disso, era reconhecida como “Empório Comercial do Solimões” por proporcionar a integração comercial de forma fácil e eficaz entre portugueses, espanhóis e paraenses. Apesar de não produzir nada, comercializava e intercambiava toda a produção do Rio Solimões e regiões próximas.

Com a criação da Comarca do Amazonas, substituiu-se o nome de Vila de Ega por Tefé, dando origem, assim, ao nome atual da cidade. Com essa mudança, foi possível eleger uma Câmara Municipal, além de organizar sua estrutura jurídica (GARCIA, 2010, p.57). A forte presença de atividades institucionais, militares e comerciais proporcionou, posteriormente, não apenas a criação da Comarca de Tefé, mas também contribuiu para o amadurecimento necessário para a elevação de cidade em 1855.

Após mais de dois séculos de história, Tefé possui uma vasta estrutura organizacional e econômica, o que possibilita aos municípios e comunidades ao redor dela o provimento de serviços que não possuem no seu lugar de origem. Ela exerce um papel de metrópole na sua região, onde influencia diretamente nas atividades econômicas e, em contrapartida, pouco ou nada se beneficia, pois essas localidades têm pouco a oferecer. A fim de ilustrar isso, apresenta-se o comentário de Oliveira (1995) sobre a dimensão das cidades amazônicas e sua importância para contexto local e regional:

[...] As cidades amazônicas embora pequenas e com pouca ou nenhuma importância para as outras regiões do país, tem organização e estrutura que extrapolam sua dimensão específica, configurando forma e estilos que estão além da circunscrição espacial. Nelas encontram-se instituições regionais, nacionais e até internacionais,

influenciando de forma direta ou indireta o cotidiano. Em outras palavras, as cidades amazônicas são produzidas a partir do específico, tendo dimensões gerais. (OLIVEIRA, 1995, p. 39).

Segundo dados do IBGE em 2010, o município de Tefé arrecada, com impostos, tarifas, projetos e convênios, o montante de 55 (cinquenta e cinco) milhões, possuindo despesas que somam aproximadamente 47 (quarenta e sete) milhões. As principais atividades econômicas são a pesca e o comércio. Com localização privilegiada, a cidade fica próxima às maiores áreas de pesca do Amazonas, o que colabora para a produtividade da atividade pesqueira no local. Além de abastecer o mercado interno, também exporta pescado para a Colômbia, Peru e Ásia. O setor mais desenvolvido é o do comércio, sendo este formado por uma grande quantidade de lojas nos setores de vestuário, calçados, eletrônicos, eletrodomésticos, móveis, etc.

O transporte para chegar até o município é fluvial ou aéreo. Via terrestre não é possível o acesso, pois não existem estradas que façam essa ligação com outros municípios e até com a capital do Estado.

Como já enfatizado anteriormente, Tefé é um polo, no meio do médio Solimões, agregando pessoas de vários municípios vizinhos e até mesmo das comunidades. E esse grande fluxo de pessoas gera uma variação linguística muito interessante e importante para os nossos estudos geossociolinguísticos.

Como o foco desta pesquisa volta-se também para o contexto rural, serão apresentados agora alguns dados da comunidade ribeirinha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada na costa de Tefé, no rio Solimões. O único acesso ao local é através do transporte fluvial. Trata-se de uma comunidade ribeirinha pequena, com 57 famílias, sendo 32 jovens e 54 crianças. A economia dessa comunidade é baseada na pesca e agricultura familiar.

Apesar de independente politicamente, grande parte dos municípios do Médio Solimões, criados no desmembramento do território tefeense, estão sob influência institucional de Tefé e da infraestrutura social que ela oferece.

Verifica-se, assim, como Tefé é um polo de extrema relevância para a economia e abastecimento da região do Solimões, com crescimento econômico que interfere diretamente na vida educacional, social e cultural da cidade.

2. A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E SOCIOLINGUÍSTICA

A dialetologia, de acordo com Cardoso (2010), “é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Assim uma pesquisa diatológica toma como “[...] base o espaço geográfico para evidenciar o que é característico de cada região, de cada localidade” (JUSTINIANO, 2012, p. 54).

A dialetologia propõe uma análise a partir da diversidade linguística regional ou diatópica, acrescentando, nessa análise, variáveis que há muito já se fazem presente no campo de estudo dialetal, conforme corrobora Cardoso (2010, p. 19):

... idade, gênero, grau de escolaridade, profissão, inserção social constituem variáveis que, na perseguição de aspectos socioculturais, a dialetologia busca controlar e identificar. A apresentação cartográfica de tais dados põe lado a lado a informação diatópica e a informação sociolinguística.

Ao controlar essas variáveis sociais ou extralinguísticas, a dialetologia, tendo como metodologia a geolinguística, responsável pela organização e apresentação dos dados em mapas linguísticos, torna-se pluridimensional. Um dos seus objetivos é, justamente, apresentar as variações da língua de forma contextualizada a partir de uma análise também sociolinguística, observando, além de ambientes linguísticos, situações socioculturais que interferem no uso que os indivíduos fazem da língua.

Dessa forma, a dialetologia completa-se com os métodos da teoria da variação³, propostos por Labov (2008), já que, para mapear o espaço, adota variáveis como sexo, idade, escolaridade, dentre outros, num constante diálogo entre língua e sociedade, princípio característico da sociolinguística: ciência que estuda a “relação entre língua e sociedade” (TARALLO, 2007, p. 7), descrevendo as variedades coexistentes dentro de uma comunidade de fala.

A heterogeneidade linguística, nesse contexto analítico de falares, é, portanto, produto da variabilidade social. Nesse sentido, a língua é concebida como um fenômeno social, compartilhada por uma comunidade de fala que, segundo Labov, (2008) “[...] é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas partilhadas [...]”. Sobre isso, Justiniano (2012) explica que, na comunidade de fala, “as pessoas não falam da mesma forma,

³ Também conhecida como sociolinguística quantitativa.

porém compartilham normas de uso da língua, revelando, assim, o caráter heterogêneo presente em qualquer comunidade linguística” (p. 56).

Somado a esse aspecto, através da pesquisa dialetal, é possível conhecer as características e tendências linguístico-culturais relevantes para o registro e a valorização da identidade cultural de um povo.

Em termos de evolução dos estudos geossociolinguísticos, Justiniano (2012) revela que as pesquisas de registro de falares “ [...] surgiram no Brasil no final do século XIX e foram se intensificando na segunda metade do século XX com o surgimento de atlas linguísticos regionais⁴”. Hoje, com a consolidação do comitê científico do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), desde 1996, o Brasil possui um campo vasto de investigações dialetais, com dois volumes de um atlas nacional publicados e vários atlas regionais divulgados. Aqui, no Amazonas, há vários trabalhos de estrutura monográfica de fenômenos fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos e três atlas concluídos – Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM, 2004), Atlas Linguístico dos Falares do Baixo Amazonas (AFBAM, 2010), Atlas linguístico dos Falares do Alto Rio Negro (ALFARiN, 2012) – e um em processo de construção: O Atlas dos Falares de Manaus, de Letícia Cardoso, com conclusão prevista para 2018.

O método de apresentar a diversidade da língua por meio de atlas serve para registrar e comparar os resultados coletados em diferentes áreas e regiões. A importância, portanto, dessas pesquisas é detalhar os falares dos mais diferentes espaços que caracterizam um país. Para Cardoso (2010),

a decisão de pensar-se em um atlas nacional para países que possuem atlas regionais não devem ser vistas como duplicidade de informação, redundância de dados, desvario científico ou desperdício de dinheiro. Um atlas nacional não poderá descer a minúcias, sob pena de ver reduzida a possibilidade de intercomparação de dados [...] e esse esquadrihar, que é importante e necessário para se ter um melhor dimensionamento da língua num espaço determinado, é facultado pelos atlas regionais (p. 72).

Assim, as pesquisas geossociolinguísticas ganham força, servindo de grande instrumento não somente para a dialetologia ou para a sociolinguística, mas também para a educação e para sociologia que se apropria desses dados para fundamentar

⁴ O precursor da geografia linguística, no Brasil foi Nelson Rossi que impulsionou estudos dialetais tratando como maior rigor científico e exatidão em sua metodologia. Sua obra pioneira foi a criação do Atlas Linguístico da Bahia, que veio depois a se chamar Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB). O primeiro volume foi publicado em 1963 e o segundo volume em 1965. Rossi tem uma visão que influenciou na criação de vários atlas regionais.

materiais didáticos e construir relações de língua e identidade, língua e pertencimento, língua e valorização, respectivamente.

3. O LÉXICO NOS ESTUDOS GEOSOCIOLINGUÍSTICOS

O estudo da língua de um povo nos leva, conseqüentemente, ao conhecimento de sua cultura. Nesse aspecto, o léxico apresenta-se como uma das marcas linguísticas que mais evidenciam costumes, crenças, superstições, enfim, modos de vida, modos de economia, modos de trabalho. No contexto social, a palavra assume um valor que é próprio de um grupo, de uma comunidade. Conhecer esse valor por meio dos vocábulos é uma rica atividade para se chegar a atitudes de valorização de identidade linguística e social, por exemplo.

Para entender isso, é preciso compreender a definição de léxico, tarefa difícil se considerar os variados conceitos para esse termo. É conhecido, por exemplo, como signo linguístico, palavra, item lexical, lexia, lexema, unidade lexical, dentre outros. Para Dubois *et al* (2006, p.364), “o léxico corresponde ao conjunto de unidades que formam a língua de uma comunidade, sendo o termo léxico reservado à língua e o termo vocabulário reservado ao discurso”. Dessa forma, o léxico é visto como uma junção de normas de uso que formam a língua de um determinado grupo social. Para Biderman (2001, p. 179),

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua.

Com base nesses conceitos, percebe-se que o léxico é estudado considerando diversos aspectos. Para este trabalho, adota-se esse termo como a tradução real da língua que revela dados socioculturais de um espaço geográfico, já que “todo o sistema linguístico manifesta tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e dessa cultura com que ela se subjugua” (BIDERMAN 2001, p. 109).

A língua, portanto, revela suas especificidades através do levantamento do léxico, na medida em que, ao selecionar categorias semânticas, o pesquisador consegue

entender como os valores de significado que as palavras apresentam aos seus falantes nos mais diversos discursos nos quais são empregados.

O léxico, nos estudos geossociolinguísticos, tornam-se elementos linguísticos de grande importância para o entendimento e valorização cultural de comunidades urbanas e rurais, mostrando como o uso da língua corresponde e reflete a sua organização social, já que a língua acompanha e traduz a história de um povo.

Com relação a esse pensamento, Brandão (2005, p. 5) destaca que:

pode-se afirmar que, na língua, se projeta a cultura de um povo, compreendendo-se cultura no sentido mais amplo, aquela que abarca o conjunto dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade.

O componente semântico-lexical de uma língua, dessa forma, expõe a realidade e a visão de mundo dos falantes.

4. METODOLOGIA – COLETA DE DADOS

Esta pesquisa propõe um levantamento de variação semântico-lexical no município de Tefé-AM, em dois contextos: o ribeirinho, comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e o urbano, centro da cidade de Tefé. Utilizando-se dos princípios da dialetologia pluridimensional, a seleção dos informantes obedeceu aos seguintes critérios:

- a) Um homem e uma mulher, no total de quatro em cada localidade, pertencentes a duas faixas etárias: 18 a 35 anos, e de 56 em diante;
- b) Ter nascido na região e não ter se afastado dela mais de 1/3 de sua vida;
- c) Ter o ensino médio completo se residir no centro urbano de Tefé; e ter ensino fundamental, até o nono ano, se morar na comunidade ribeirinha;

A comunidade do Socorro foi escolhida por de fácil acesso, estando localizada a 25 minutos da cidade. Para a realização da coleta de dados, foi aplicado um questionário semântico-lexical (QSL), tendo como base os modelos do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e do Atlas linguístico do Amazonas (ALAM).

A partir desses modelos, o QSL foi organizado considerando situações socioculturais do município, tendo como referência a categoria de alimentos feitos com a mandioca e com peixes, bases alimentares típicas da região. Para isso, foram

construídas cinco perguntas: três relacionadas à mandioca e duas, ao peixe. O quadro a seguir apresenta as questões aplicadas aos oito informantes que colaboraram com a pesquisa.

Semântico-Lexical	Palavra-base
1. De que raiz é feita a farinha?	Mandioca
2. Nome do alimento feito com água e farinha, geralmente comido com peixe?	Pirão
3. Qual o nome do alimento feito com a goma da mandioca?	Beju
4. Qual o nome que se dá para o cheiro/odor do peixe?	Pitiú
5. Como se chama a comida que é feita com peixe, cozido, caldo e sal?	Caldeirada

Quadro I: *Questionário Semântico-Lexical* aplicado em Tefé/AM

A decisão do número de perguntas teve como base o tempo pequeno para a aplicação do questionário, considerando também o deslocamento até o município, uma vez que a pesquisadora, embora seja tefeense, mora em Manaus. Apesar disso, tem-se um número significativo de coleta de dados: um total de 40 palavras, gravadas no formato MP3, que permitiram um estudo semântico-lexical das categorias selecionadas.

Espera-se, em trabalhos futuros, ampliar esses dados, para um estudo geossociolinguístico mais detalhado do município, contribuindo, assim, com as pesquisas já realizadas na região.

4. ANÁLISE DOS DADOS – VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL

A apresentação dos resultados da pesquisa foi organizada em tabelas, conforme as variáveis sociais selecionadas para o levantamento semântico-lexical proposto: sexo, idade e escolaridade.

Destacamos que, para as perguntas de número três e quatro, não houve variação. Todos os informantes responderam *beju* para o alimento feito com a goma da mandioca e *pitiú* para o odor do peixe.

Para as outras três, ocorreu variação de uso, sintetizada na tabela a seguir:

Perguntas	Léxico – Centro de Tefé	Léxico - Nossa senhora do socorro
De que raiz é feita a farinha?	Maniva, Mandioca	Maniva, Mandioca

Nome do alimento feito com água e farinha, geralmente comido com peixe?	Pirão, chibé, jacuba	Pirão, chibé, jacuba
Como se chama a comida que é feita com peixe cozido, caldo e sal?	Caldeirada, cozidão	Caldeirada

Tabela I: *Léxico falado em Tefé*

Observa-se que o léxico é o mesmo nas duas localidades do município de Tefé, com apenas uma exceção no uso de *cozidão*, empregado somente no centro de Tefé.

Quando se passa para os índices de ocorrência desse léxico⁵, considerando a variação diatópica, encontra-se uma produtividade significativa do uso do vocábulo *maniva*, principalmente, no centro de Tefé. *Pirão e chibé* apresentam certa concorrência, com uso mais elevado do primeiro vocábulo na zona urbana e de segundo na zona ribeirinha. O termo *jacuba* é apenas utilizado por uma pessoa em cada localidade, no total de 25%. Para o nome da comida feita com peixe e água, o mais produtivo é *caldeirada* em ambas localidades. Em médias percentuais gerais, merece destaque o uso de *maniva* para nomear mandioca, vocábulo muito presente também em outras regiões do estado, principalmente, em comunidades indígenas, a exemplo das localizadas no Alto Rio Negro. Tais resultados podem ser visualizados na segunda tabela:

Localidade	Mandioca ⁶	Maniva	Pirão	Chibé	Jacuba	Caldeirada	cozidão
Centro de Tefé	25%	75%	50%	25%	25%	75%	25%
Comunidade do Socorro	50%	50%	25%	50%	25%	100%	-
Média percentual	37,5%	62,5%	37,5%	37,5%	25%	87,5%	12,5%

Tabela II: *Emprego do léxico por localidade*

Ao analisar a variação diagenérica, percebe-se que o termo *maniva* é mais pronunciado pelas mulheres, no total de 75% (três de quatro empregaram essa palavra). Em relação, ao alimento de água, sal e farinha que serve de acompanhamento ao peixe, os homens produzem as palavras *pirão e chibé*, enquanto as mulheres têm um certo

⁵ Para o cálculo percentual, considerou-se a regra de três simples, com o conjunto de resposta por variável extralinguística equivalendo 100%, já que todos os oito informantes responderam a todas as questões do QSL.

⁶ As cores serviram para indicar a variação pertencente a uma mesma categoria semântica.

destaque para o uso de *jacuba*. Já *caldeirada* é evidente em ambos os sexos, no total de 87,5%:

Gênero/sexo	Mandioca	Maniva	Pirão	Chibé	Jacuba	Caldeirada	cozidão
Homem	50%	50%	50%	50%	-	100%	-
Mulher	25%	75%	25%	25%	50%	75%	25%
Média percentual	37,5%	62,5%	37,5%	37,5%	25%	87,5%	12,5%

Tabela III: Emprego do léxico por gênero

Na variação diageracional, temos seguinte:

Faixa etária	Mandioca	Maniva	Pirão	Chibé	Jacuba	Caldeirada	cozidão
Primeira	75%	50%	75%	75%	--	100%	-
Terceira	-	75%	-	-	50%	-	25%
Média percentual	37,5%	62,5%	37,5%	37,5%	25%	87,5%	12,5%

Tabela IV: Emprego do léxico por faixa etária

Embora ainda seja necessária a ampliação dos dados para uma segunda geração, é possível constatar que *mandioca* é um vocábulo apenas falado pela geração mais nova, situação que a coloca como variante inovadora ao lado de *maniva* que se apresenta como conservadora, empregada somente pela geração mais velha. Talvez um processo de mudança linguística venha se concretizando aos longos dos tempos na cidade de Tefé. Pesquisas futuras poderão confirmar ou não isso. Vale destacar que *Maniva* teve alta produtividade no Centro de Tefé, sendo empregado com destaque por mulheres. Outro dado interessante, para essa variação, é a presença do termo *Jacuba* apenas na terceira geração, tendo sido pronunciado também apenas por mulheres, revelando estas em uma situação de conservação se for considerado a distinção de variantes conservadoras e inovadoras proposta por Labov (1998).

Na variável escolaridade, tem-se, por fim, *Maniva* sendo usado, principalmente, pela escolaridade mais baixa. O termo *pirão* foi encontrado nos informantes com ensino médio completo, embora também ocorra com falantes de ensino fundamental, 50% e 25%, respectivamente. O mesmo ocorre com o termo *chibé e Jacuba*, sendo este último, de origem tupi, usado para significar água quente, pronunciado apenas por uma pessoa em cada nível de escolaridade, o que pode indicar um termo em vias de extinção no repertório lexical tefeense. *Cozidão* foi apenas visto em uma informante de ensino médio, sendo a *caldeirada* o valor semântico mais empregado para a comida feita com água e peixe cozido, típica do interior amazonense.

Escolaridade	Mandioca	Maniva	Pirão	Chibé	Jacuba	Caldeirada	cozidão
Ensino Fundamental	50%	50%	25%	50%	25%	100%	-
Ensino Médio	25%	75%	50%	25%	25%	-	25%
Média percentual	37,5%	62,5%	37,5%	37,5%	25%	87,5%	12,5%

Tabela V: Emprego do léxico por escolaridade

O repertório lexical aqui disposto sinaliza como alguns falantes de Tefé costumam fazer referência a termos característicos de sua cultura. É uma variação que representa de maneira dialetal uma cultura baseada na economia e na subsistência de uma raiz muito produzida no interior do Amazonas, mandioca, e de um alimento farto nos rios da região, o peixe. Espera-se ter evidenciado um conjunto de léxico cujos valores semânticos evidenciam alguns costumes e algumas formas de vida dos moradores de Tefé, concebendo a língua como reflexo da manifestação sociocultural desse povo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade desta pesquisa foi colaborar de alguma forma com os estudos dialetológicos no estado do Amazonas, na região norte. A variação lexical apresentada revela costumes tipicamente amazonenses já encontrados em outros trabalhos de cunho social e/ou linguístico de outras áreas do estado, destacando aqui o de Lasmar (2005), no Alto Rio Negro.

As alternâncias de uso, por exemplo, entre *mandioca* e *maniva* já era esperada, já que este último termo é muito empregado por povos indígenas que residem às margens do rio Solimões e Negro. A novidade foi a presença do termo *jacuba*, presente nos reportórios linguísticos do povo tupi-guarani da região sul e sudeste.

Tefé, por ser uma cidade polo no Médio Solimões, sofre inúmeros imigrações de militares, de pesquisadores e alunos, principalmente, os do Centro de Ensino Superiores de Tefé/UEA, vindo dos diversos estados brasileiros o que reflete, consideravelmente, nos processos de uso e mudança linguística de seu povo nativo.

O pequeno estudo realizado sinalizou isso, o que poderá ser ampliado em pesquisas futuras cujo foco seja a diversidade sociocultural e linguística desse município de grande importância econômica e histórica para o Amazonas.

Espera-se, portanto, ter contribuído com as pesquisas dialetais aqui desenvolvidas, colocando em destaque mais uma localidade, mais um repertório da língua: algumas variações semântico-lexicais de Tefé.

REFERÊNCIAS

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRANDÃO, S. F. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 2005.

BRITO, Roseanny de Melo. *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas.

CARDOSO, S. A. M.. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994. *Brasil*, 2002. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/etnias-do-rio-negro/1523>

IBGE - *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

JUSTINIANO, Jeiviane. *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN*. Manaus: UFAM, Faculdade de Letras, 2012. Dissertação de mestrado.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LASMAR, Cristiane. *De volta ao lago de leite: gênero e transformação no Alto Rio Negro*. São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2005.

MOLLICA, M.C., BRAGA M.L. (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4ª.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.